

Referências

- Bingemer, M. C. L. (2020). Porque me ufano de meu país. *Jornal do Brasil* em 10 Setembro, 2020. Consultado em 9 de dezembro de 2020 <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/09/1025570-por-que-me-ufano-do-meu-pais.html>.
- Celso, A. (1900). *Porque me ufano de meu país*. Rio de Janeiro: Editora Garnier. (Houve uma nova edição sem editora em 1969 e outra em 2001)
- Rosa, J. G. (1994). A terceira margem do rio. In *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, (pp. 409-413).
- Turino, C. (2009). *Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Editora e Livraria Anitta.
- Peroni, V. M. V., Caetano, M. R. & Arelaro, L. R. G. (2019). BNCC: disputa pela qualidade ou submissão da educação? *RBPPE*, 35(1), 35-56, jan./abr. Resumo

Inscriver a arte e a educação artística numa prática descolonial¹

José Carlos de Paiva

Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade;
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

¹ O texto presente resulta da tradução para a forma de escrita de uma comunicação oral apresentada no I Congresso Internacional, Diálogos entre Brasil e Portugal: O ensino artístico que temos e o que queremos.

Resumo

O texto persegue a compreensão política da implicação intrínseca que a pretendida inscrição nas práticas anticoloniais transporta para a acção artística e educativa. Através de uma escuta do omitido e as lutas desvalorizadas, considera a complexidade que o inevitável desprendimento do uso dos privilégios que a sociedade neoliberal e do capitalismo globalizado oferece, nas suas malhas de sedução e pela inscrição nos dispositivos de poder que aprisiona.

. zero

Em 1958 escrevi: “não há uma grande diferença entre aquilo que é real e aquilo que é irreal, nem entre aquilo que é verdade e aquilo que é falso. Uma coisa pode não ser nem verdadeira nem falsa. Pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa.” Acho que esta afirmação ainda faz sentido e se aplica ainda à exploração de realidade através da arte. Por isso, enquanto escritor defendo esta afirmação. Por isso o defendo enquanto artista. Mas enquanto cidadão não, enquanto cidadão tenho de perguntar: o que é que é verdade? O que é que é falso?

Harold Pinter, *Discurso de aceitação do Prémio Nobel de Literatura de 2005*

Pisei o palco do Congresso pleno de emoção e gratidão pelas presenças significativas e escutando as falas sabedoras que ousaram, num contexto de verdade ainda mais complexa face à pandemia internacional (Covid-19), acrescentar as suas reflexões e expor as suas práticas de investigação ao trânsito epistemológico aberto, faz tempo, entre Portugal e o Brasil, no território da educação artística. Tornei-me parte de um encontro, contra a corrente do isolamento, abraçando companheiras e companheiros de luta pela educação artística, que com a sua persistência o souberam tornar possível e positivo, como mais um passo dado da longa caminhada que se apresenta como determinante.

O texto que apresento inscreve-se nos dilemas abordados, emocionantes e mobilizadores do enfrentamento do que se configura como um obstáculo para uma presença do ensino artístico crítico em todos os sistemas de ensino, pertença das lutas contra a discriminação, o racismo e o colonialismo.

. um

(...) nestes tempos púrpuros. (Mbembe, 2020)

...toda a escrita destes dias transporta uma reflexão oprimida perante os tumultos do neoliberalismo, acrescidos por uma pandemia globalizada, que paralisando as vidas não deixa de ser um contexto favorável para a especulação financeira, negociatas gananciosas dos grandes grupos económicos e de agitação escondida nos paraísos fiscais.

...“antes deste vírus, a humanidade já estava ameaçada de asfixia” (Mbembe, 2020), asfixia à liberdade de cada um, ampliada hoje perante o naturalizado reforço dos poderes policiais, de controle da informação pelos grupos económico-políticos, pelo reforço dos aparelhos governamentais que assumem um poder discriminatório extravasando os seus limites constitucionais.

...confinados e circunscritos aos ecrãs do simulacro, somos remetidos a um estado de esbatimento das condições de envolvimento directo na resistência e nas lutas, face ao colapso de uma sociedade, fracasso dos próprios desígnios tão propagandeados pelas bandeiras da pré-modernidade, nesta Europa outrora da ‘liberdade, igualdade e fraternidade’.

...o ar irrespirável nos tolhe o discernimento, a perturbação avassaladora do equilíbrio da natureza inquieta nossa irreverência epistemológica, nossas práticas diferenciadas e desobedientes, que precisam se reforçar perante o presente estado de excepção e de neutralização da sua profanação. Face às adversidades da esquizofrenia do tempo, a discussão agonística e frontal torna-se uma exigência e uma urgência.

. dois

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. (Rosa, 2001, p. 334)

Sentir no corpo a aragem sertaneja, é entender da coragem precisa para alimentar com esperança o enfrentamento da discriminação acentuada sobre os mais frágeis, é perceber o estado de alerta permanente perante a ofensa a quem trabalha, conhecer o valor do pensamento, da cultura enraizada no tempo, da necessidade permanente da descoberta e do imprevisto. Olhar o horizonte comporta adquirir confiança em si, reconhecimento de si, na plenitude das suas próprias fragilidades, que o tempo, o arredor e o medo construíram.

Tentando *embrulhar* a educação artística na vida, redimensionando a resistência conseguida ao longo de um caminho compartilhado nas amizades e cumplicidades que redimensionam a força de resistência e de construção do novo, poderemos melhor nos situar na educação artística, não como um lugar inócuo e guetizado, mas como mergulhado na vida, no *esquenta e esfria, no aperta e daí afrouxa, no sossega e depois afrouxa*.

Esta escrita persegue uma pretendida frontalidade agonística perante os desafios que se nos apresentam se entendermos a missão pública do ensino artístico casada com a luta da antidiscriminação, a luta anti-racista e anticolonial.

. três

Dizem que ninguém vai a dormir a caminho do cadafalso.
(Vila-Matas, 2004, p. 97)

Acordado para evitar o cadafalso que se nos apresenta, dedico atenção ao que se me apresenta, não como uma imagem exterior, mas como uma paisagem que habito, que é interpretada pelo exercício crítico radical e inquieto, mas que integra o como fui governado e como o modo com que me governo foi construído, abalando minhas resistências.

(...) direi que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se outorga o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder sobre os seus discursos de verdade; a crítica seria assim a arte da insubmissão voluntária, a da indocilidade refletida.
(Foucault, 2017, p. 35)

Assim, acordado e abalado pelo que a cultura hegemónica (Gramsci, 1975) e as posturas coloniais são internas em nós, e como as transportamos para as nossas práticas educativas, introduzindo, através da sedução exercida e pelo exercício do poder que nos é conferido, em nós e também pela nossa ação educativa em cada estudante modos de se constituírem como sujeitos, espelhos de nós, repetidores de nossas verdades, apreciadores de nosso instruído ‘bom gosto’, desejosos de nossos amores.

A fragilidade da nossa resistência ao que o neoliberalismo nos vai oferecendo, nos seus modos sedutores, subliminares e dissimulados, força uma exigência interna de reflexão e entendimento, em cada um dos que sentem o peso do que ainda transporta das práticas coloniais que combatemos. Urgência encarada por cada um e em cada espaço que habitamos, com nossos corpos, nossas falas e nossas práticas, procurando entender esse efeito colonial perante uma fusão globalizante do nosso querer político, antidiscrimatório, anti-racista e anticolonial, com a nossa ação, inevitavelmente crítica e irreverente, na arte, no ensino artístico e na educação artística.

Identificando a importância epistemológica dos termos que são concebidos no Brasil e na América Latina, fruto das clarificações políticas e metodológicas introduzidas por reconhecidos actores e actoras² do território amplo que engloba em relações complexas a arte, o artístico, o ensino e a educação, uso os termos que em Portugal alimentam a discussão agonística deste mesmo campo, não desvalorizando a importância dessa questão, nem me afastando dessas discussões, mas apenas por considerar este texto desviado para um foco mais intimista de leitura crítica do sentido político do

que faz nas escolas que frequentei e que conheço. Não esbatendo o pensamento crítico sobre os sistemas educacionais, nos diversos países, elaborados para configurar nossa prática educativa nos modelos, modalidades disciplinares determinadas, conteúdos configurados e grelhas de avaliação desagregadoras, situo a reflexão neste texto, num olhar no que se passa no interior das salas de aula, na possibilidade de aí se exercitarem práticas educativas desobedientes, centradas no percurso dos estudantes como sujeitos, conferindo-lhes o poder de determinarem seu devir, promovendo experiências significativas de natureza artística, participativas, de educação no contexto, exercício de solidariedade (Gaztambide-Fernández, 2012) e aspirando a adquirir o conhecimento dos corpos, das comunidades e do mundo, para sobre eles exercer interferência positiva e politicamente dirigida para a antidiscriminação, o anti-racismo e o anticolonialismo.

Na relação entre aquele/a que ocupa o lugar de ensinar e aquele/a que ocupa o lugar de aprender há tensões inevitáveis, políticas, éticas, epistemológicas, estéticas. A possibilidade de ser desobediente ao papel que a educação hegemónica determina pode criar um espaço-tempo para a educação libertária e para o governo dos estudantes na definição do que querem aprender, como, onde, quando e com quem; para as comunidades na autonomia e competência no desígnio do seu futuro; para os professores na divergência que marca a singularidade e experiência de cada um; para uma rede de responsabilidade e compromisso coletivo que cada um escolhe integrar. (Rainho, 2018, p. 33)

A memória ocupada e gasta ainda permite reapreciar as tensões do que se faz no dia-a-dia nas ‘disciplinas de arte’, nas nossas escolas (esquecendo por tempos o que ocorre nas ‘escolas de arte’) onde por vezes se discute o terreno do ensino e da aprendizagem, mas sem que se distinga o que o ‘aprender’ pode ser limitado a um ‘aprender’ e a um ‘saber aprender’ apenas o que é ensinado, a partir do que é presente e proposto pelo docente, condicionando a aprendizagem dos estudantes a esse limite, disciplinando os seus corpos, isolando-a dos saberes que transportam, da cultura de si, do peso das suas comunidades e dos problemas das suas vidas.

Cada dia que passa acresce mais densidade e complexidade ao esforço interno de me desvencilhar das grandes verdades que integraram minha caminhada, promovendo nas escolas práticas de ensino excludente, premiando os estudantes mais habilidosos, virtuosos e vocacionados para a genialidade, detentores de um ‘bom gosto’ padronizado pelo gosto burguês e pelo aparato da arte consagrada, organizados na representação ‘fiel’ do circundante, comunicadores expressivos do já dito, fechados na exibição de suas capacidades expressivas, estudiosos das gramáticas que o modernismo

² Sem desprimor para outros actores, cito Ana Mae Barbosa como representativa de uma infíndável lista.

internacional instalou (ponto, linha, plano, textura, forma, composição), que se tornaram obsoletas no contemporâneo.

Cada dia que passa cresce, a percepção e o conhecimento da grande quantidade de estudantes que são remetidos, perante o exercício escolar e a avaliação excludente das ‘disciplinas de arte’, para uma inibição castradora de seus gestos criativos e atitudes performativas, da anulação de possibilidades de sua inscrição em eventos artísticos, do isolamento medroso em narrativas naturalizadas (como as de ‘não sei desenhar’, ‘não sei música’, ‘não entendo’...).

Cada dia que passa, mais se distancia a arte de ‘uns’, que se pretende fazer chegar aos ‘outros’, remetidos para um lugar de apreciadores, público admirador, congelando e anulando o que cada um comporta em seu corpo de criatividade, de acutilância crítica, de criação de subjectividades, de possibilidades de representação simbólica dos ‘seus’, da consciência de ‘si’ e de pertença ao comum...

Cada dia que passa vejo a arte distanciada da vida, fechada num corpo hermético dos que a fazem, promovem e negociam, a ‘ensinam’ e a ‘entendem’, isolando no ostracismo o esforço criativo dos artistas que persistem na intromissão de suas performances na vida, na política, no espaço crítico de se construírem novas possibilidades de futuro, sem discriminação, racismo e colonialismo.

. quatro

...um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da acção, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2015, p. 25)

Procurando a lentidão que os tempos exigem, mergulho nas próprias contradições de artista, professor e investigador, entendendo como precisamos de tornar claro nossas fragilidades, alertar para o que transportamos do hegemónico, das suas artes de sedução, promovendo a apreciação crítica e agonística do que dizemos e fazemos. A educação crítica só pode ser democrática se congelar as possibilidades do exercício do poder, para promover em cada estudante a sua valorização, dando espaço para que os desígnios de cada um e o seu corpo-ser sejam o principal motor da construção de si, como sujeitos interferentes na sua comunidade, despertando e propiciando o seu devir.

O território da educação artística a que pertencemos permite desencadear práticas de aprendizagem desobedientes das intenções colonizadoras que a escola, como instituição, comporta. Suspender as práticas que a escola promove de reprodução da arquitectura social em que vivemos, plena de discriminação e ineficácia das oportunidades de ascensão social para as camadas mais pobres, promovendo práticas participativas, implicadas na vida dos estudantes e que lhes permitam retirar das experiências significativas ocorridas consciência das suas possibilidades de interferência cultural e social. As práticas artísticas realizadas nas escolas podem enquadrar as abordagens técnicas e processuais do fazer num enquadramento político que gere um fazer-pensar e um pensar-interferente e estimulem em cada estudante o reconhecimento das possibilidades de construção da cultura se si, que cada um comporta.

Estimular a ampliação do conhecimento dos estudantes sobre a arte, nos modos como ela se foi relacionando com o tempo e o lugar, pode suspender o impulso que procura estimular o deslumbramento com que a arte burguesa e elitista procura ofuscar e procurar a ‘sombra’ que se prolonga e que marca a vida e pode ter dimensão significativa para cada um.

(...) a arte, hoje mais do que nunca, deixa atrás de si uma sombra, um perfil menos luminoso, que retrata o que de mais inquietante e enigmático lhe pertence. (Perniola, 2006, p. 8)

Suspender esse deslumbramento perante a profundidade da presença do artístico entranhada nas comunidades, nos espaços da marginalidade subversiva, na sua potência imanente de desconstrução artística dos valores hegemónicos e de fomento de um pensar outro, aberto e descolonial. No corpo de cada aluno reside uma potência artística, um pulsar inventivo que pode ser incentivado e não reprimido por comparações com aparatos construídos por abordagens sacralizadas da arte e a congelam em padrões predeterminados.

. cinco

A nossa luta é baseada na nossa cultura, porque a cultura é fruto da história e ela é uma força. Mas a nossa cultura é cheia de fraqueza diante da natureza. É preciso saber isso. (Cabral, 1974, p. 121)

As contribuições de um conjunto de autoras e autores no Sul político³, construtores de novas epistemologias decoloniais, oferecem renovados modos de se encarar a desejada sobrevivência da humanidade, de superação do esgotamento dos recursos da natureza e apresentam outras possibilidades de instalar uma cultura de *El*

³ A. Mbembe, A. Dussel, A. Quijano, Acosta, E. Viveiros de Castro, H. Dabashi, H. K. Bhabha, M. Asante, N. Maldonado-Torres, N. Merlin, Ndlovu-Gatsheni, S. Cusicanqui, W. Mignolo, etc.

Buen Vivir (Acosta, 2009), oferecendo à educação artística sementes para práticas instigantes e contemporâneas no ensino artístico, anticoloniais, que enriquecem a herança freiriana por uma educação saudável e radicalmente democrática. Entendimento que precisa ser alargado para dentro das escolas, convivendo com a incerteza e a surpresa como âmagos das relações educativas, inundando as práticas educativas, a partir de um debate aberto e frontal, democrático e participativo, desobediente aos saberes estabelecidos, rompendo rotinas instaladas, crítico e atento à partilha das experiências significativas que se instalem.

Decorre da consciência crescente em cada um a necessidade de resistência epistemológica e política ao que nos é oferecido de modo autoritário como ‘verdade’, ou já ‘naturalizado’, e principalmente, de resistência à sedução sutil e escondida que nos quer remeter para um estado adormecido de ‘obediência inconsciente’. Entenda-se Buján (2020, p. 144) “(...) a escola operou e continua operando como uma instituição especificamente construída para intervir na construção da subjectividade modelando maneiras de ser e estar no mundo” e clarifique-se as possibilidades de se estabelecerem, na relação educativa com os alunos onde o “(...) vínculo pedagógico se desenvolve nessas tramas relacionais, nessas tramas significantes, tecendo o sentido da pluralidade, da heterogeneidade, na diversidade, resultantes da assimetria estrutural na que se inscreve todo o encontro intersubjetivo.” Buján (2020, p. 145) acrescenta que “é a natureza da prática educativa então o que faz dela um ato político. Faz assim do educador um ator político. Não tem como pensar a prática educativa como uma prática neutra, sendo a prática educativa uma prática plena e de sentido na construção de cidadania, e na construção subjetiva dos estudantes.”

A atenção no político do que acontece na prática educativa e ao que nos chega, se prestarmos a devida escuta ao que outros sentem e pensam, abertos ao que nos pode surpreender e contradizer, é o modo de melhor podermos entender o que se passa e ocorre, alargando nosso quadro de referências e nossa natural recusa ao novo, aprisionados que estamos ao conforto do que já sabemos.

Os poetas sabem-no. Como refere a poeta portuguesa Ana Luísa Amaral, “A poesia, a arte, desarrumam para tentar arrumar por dentro e pode haver muito sentido na desarrumação. Desarrumam para poderem depois entender e fazer algum sentido do mundo.”

Deixemos desarrumar nossa estabilidade, preferindo a incerteza que o artístico transporta na procura de um sentido, diverso e irreverente, agonístico e dialogante, que possibilite outro devir. Movimento permanente de procurar nas relações de partilha educativa, que as práticas artísticas comportam e suscitam, espaços para a que

os estudantes manejem os seus próprios pensamentos, se relacionem com o seu corpo, confiantes no modo próprio de o usar, modos de os anunciar como seres livres. O artístico como terreno para intervir, de escuta, modo de se tornar presente, de entender o circundante, lhe pertencer de modo implicado e interveniente.

. seis

Os discursos desconstrutivo e transformador incorporam um entendimento auto-crítico de educação. Isto significa que a educação ela mesma se torna sujeito de desconstrução e transformação. (Mörsch, 2016, p. 6)

Desconstruir e transformar, desde logo, as rotinas instaladas que aprisionem o ensino artístico na aprendizagem da arte, para as práticas expandidas que o artístico comporta, envolvendo-o com a vida dos estudantes, dos lugares e das comunidades, enfrentando os seus problemas, centrando a ação educativa dialogante e democrática na produção social de sentido, entendendo os estudantes como sujeitos, constituídos como atores políticos.

Escutar e criar lugar de presença para as crianças e jovens, para o afora, em atenção ao desconhecido num esforço simultâneo de desconstruir o já sentido e a vulgaridade. Usar o ensino artístico como campo privilegiado para interrogar e experimentar o mundo, para a criação de laços sociais de solidariedade pela presença da diversidade e da pluralidade de representações, estimulando a irreverência e a serenidade.

Os dilemas que cada estudante transporta, na sua intimidade respeitada, impulsionam práticas artísticas singulares, como assunto significativo, desviando a invenção de temas e a evocação de festividades exteriores aos interesses dos estudantes, que podem gerar lindas imagens, exposições vaidosas e apresentações brilhantes, mas não interiorizam a experiência, nem lhe conferem sentido. E muito menos são propiciadoras de momentos relacionais que estimulam a camaradagem e a consciência de si.

O esforço deste texto é o de inscrever o político no ensino artístico, entendendo que a aprendizagem das linguagens e das técnicas que lhe são inerentes, podem decorrer do desenvolvimento de projetos para se interrogar o mundo nas múltiplas leituras possíveis pela presença (tornada visível) da diversidade de estudantes, que se transportam para a escola, portadores de diferenciadas heranças culturais, de contextos familiares e sociais, de pessoais sensibilidades, interesses e desejos.

Trata-se de um esforço que enfrenta o fracasso deste tempo conturbado em que vivemos, ampliador de desigualdades,

reprodutor pelo ímpeto de ‘criatividade’ da discriminação, do racismo e do colonialismo. Enfrentamento que entende a urgência do desenvolvimento de uma sensibilidade social alargada, que precisa desconstruir e transformar o ensino artístico, a educação artística, para as inscrever em práticas anticoloniais.

. sete

(...) nas antigas tradições africanas, o ponto de partida da interrogação acerca da existência humana não é a questão do ser, mas a da relação, da implicação mútua, ou seja, da descoberta e do reconhecimento de uma outra carne diferente da minha. (Mbembe, 2016, p. 50)

A cumplicidade que os debates das questões da educação artística comportam, que muitas pesquisas realizadas apresentam, assentam na afirmação inequívoca da imprescindibilidade da inscrição do ensino artístico nas nossas escolas, não como área acessória, mas como cerne da incorporação irreverente de uma consciência social do mundo, da construção de seres interferentes, da construção de novas representações e de sentido para um horizonte-outro.

O caminho se abre nas possibilidades de um sem-fim que a luta pode permitir, se conquistar a adesão popular para uma inversão do rumo que a ganância e os sem-escrúpulos pretendem reproduzir e que o neoliberalismo sustenta. A inteligência dominante sabe que a Arte, a Cultura e o Pensamento são adversas aos seus interesses especulativos e exploradores, por isso contra ela investe em permanência, desvalorizando o seu potencial irreverente, denunciante e transformador. A estas ofensivas, porque sabemos o poder da educação artística na construção dos sujeitos-do-futuro, temos de saber responder com nossa argúcia, nossa prática desobediente, nossa ação política, nossa insistência e nossa luta, contra a ignorância e a alienação consumista.

Pela dignidade e presença acrescida e significativa do ensino artístico nas escolas públicas, nos movemos, no entendimento crítico e transformador de nossas práticas de investigação e educativas, desviando-nos de práticas inócuas, inventando a desobediência e novos relacionamentos educativos e democráticos. Finalizando, diria que precisamos de Inscrever a Arte e a Educação Artística em práticas educativas antidiscriminação, anti-racistas e anticoloniais.

Referências

- Acosta, Alberto (2019). *El Bueno Vivir: Una vía para el desarrollo*. Quito: Ediciones Abya-Yala.
- Buján, Federico (2020). A dimensão política da prática educativa: reflexões semiótico-pedagógicas em torno à formação docente em artes. In S. Lima Peterson F. Lima & G. Augustowsky (Eds.), *Instantes-já da formação docente em artes* (pp. 142-150). São Paulo: Terracota.
- Cabral, Amílcar (1971). *Alguns princípios do partido. P.A.I.G.C. – Unidade e luta*. Lisboa: Publicações Nova Aurora.
- Foucault, Michel (2017). *O que é a crítica? Seguido de A cultura de si*. Lisboa: Edições Texto & Grafia. Tradução de Pedro Elói Duarte.
- Gaztambide-Fernández, Rubén (2012). Decolonization and the pedagogy of solidarity. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, 1(1), 41-67. Recuperado de <https://jps.library.utoronto.ca/index.php/des/article/view/18633/15557>
- Gramsci, António. (1975). *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi.
- Larrosa, Jorge (2014). *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica.
- Mbembe, Achille (2020). *O direito universal à respiração*. (Artigo publicado originalmente em francês na revista AOC media - Analyse Opinion Critique). Recuperado de <https://www.buala.org/pt/mukanda/o-direito-universal-a-respiracao>
- Mbembe, Achille (2016). *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona Editores Refratários. Tradução de Marta Lança.
- Mörsch, Carmen (2016). Numa encruzilhada de quatro discursos – Mediação e educação na documenta 12: entre Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação. In *Periódico Permanente*, 6(fev.), Recuperado de <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2>
- Perniola, Mario (2006). *A arte e a sua sombra*. Lisboa: Assírio & Alvim. Tradução de Armando Silva Carvalho.
- Rainho, Rita (2018). *Descolonizar o conhecimento: Políticas e práticas de educação artística no ensino superior em Cabo Verde*. Tese de Doutoramento em Educação Artística, Universidade do Porto, Portugal. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117973>
- Rosa, João Guimarães (2001). *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Vila-Matas, Enrique (2004). *Kassel não convida à lógica*. Lisboa: Teodolito. Tradução de Miranda das Neves.